

A Semântica de Michel Bréal e a Terminologia: pontos de contacto.

Márcia Sipavicius Seide

Colegiado de Letras – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)
Caixa Postal 91 – 85960-000-Mal. Cand. Rondon – PR – Brasil
sipavicius@oel.com.br

Resumo. *Michel Bréal fundou a Semântica na França, nomeando a disciplina, e foi o primeiro a estudar cientificamente a polissemia. Este artigo estabelece pontos de contacto entre a Terminologia e a Semântica de Bréal. Evidencia-se que tanto o fundador da Semântica na França quanto os terminólogos equiparam vocábulo e termo com base no processo denominativo e investigam as transferências lexicais da linguagem geral para a linguagem de especialidade e vice-versa.*

Palavras-chave. *Semântica; Terminologia; Lexicologia.*

Abstract. *Michel Bréal established Semantics in France, naming the discipline, and was the first to study polysemy scientifically. This paper points out some convergences between Terminology and Bréal's Semantics. It shows that both disciplines equal lexical item and term on the basis of the nominalization process and research lexical transfers from general language to specialized language and vice-versa.*

Keywords. *Semantics; Terminology; Lexicology.*

A partir da década de 90 do século passado, as idéias divulgadas por Bréal – lingüista francês que fundou a Semântica na França e forjou o termo “polissemia” para estudar cientificamente a multiplicação de significado das palavras - têm sido retomadas com o intuito de evidenciar sua importância para a lingüística moderna: Nerlich e Clarke (1996) revelam que muitas das idéias defendidas por Bréal são *insights* pragmáticos; Geeraertz enfatiza os tópicos nos quais Bréal pode ser visto como precursor da Semântica Cognitiva (1998); Guimarães põe em relevo o legado brealino para a constituição dos estudos da enunciação a partir de Benveniste (1992, 1995, 2002 e 2004). Neste artigo, apresentam-se alguns dos postulados do fundador da semântica com o objetivo de mostrar que eles convergem com o que atualmente tem sido objeto de estudo da área da Terminologia.

A partir de 1959, o campo de estudo da Terminologia foi sistematizado por Eugen Wüsten, que fundamentou a disciplina em dicotomias como onomasiologia - semasiologia e termo-vocábulo. Hoje em dia, a compreensão de que há um mesmo processo denominativo subjacente à criação destas unidades lexicais e a constatação da existência de

transferências lexicais da língua de especialidade para a língua geral e desta para aquela evidenciam que Lexicologia e Terminologia são disciplinas que se complementam.

Maria Aparecida Barbosa, terminóloga brasileira da Universidade de São Paulo, propõe que tanto a criação de um termo quanto a de um vocábulo dá-se de acordo com o percurso gerativo da enunciação estruturado em três fases: a da percepção – na qual os “fatos” são apreendidos e estruturados - , a da conceptualização inicial –na qual certas características dos “fatos” são selecionados como traços configuradores do conceito - e o da conceptualização final – na qual são produzidos os *conceptus*, modelos mentais que caracterizam os *designatas*. A conceptualização, sendo um processo semiótico caracterizado por atributos comuns e constantes à natureza humana, mais especificamente ao modo com o cérebro humano funciona, é a mesma quer se trate de um vocábulo ou de um termo. A distinção entre ambos, conclui, não se dá pelo processo designativo, mas sim pela relação existente entre o vocábulo ou termo e o conceito (BARBOSA, 2003).

André Clas, terminólogo canadense da Universidade de Montreal, adota ponto de vista semelhante. Posiciona-se contra a divisão estanque entre Terminologia e Lexicologia, aproxima termo e vocábulo e diferencia-os com base no condicionamento social a que eles se submetem:

“Em terminologia, o sentido vai opor, certamente, a palavra ao termo [...] isso provoca uma outra oposição: a lexicologia, que parte do sentido, da análise das palavras em contexto, logo, o método de análise é semasiológico, enquanto a terminologia parte do conceito e tange à onomasiologia. Na verdade, as coisas não são tão categóricas, mas às vezes a tradição é muito forte [...] O traço semântico da lingüística é, na verdade, próprio ao caráter ou traço conceitual da terminologia. Ambos surgem de uma construção mental e são produzidos por uma conceitualização [...] A única diferença que se pode inscrever nesta oposição palavra/termo é, sem dúvida, a diferença, não de natureza, mas de conteúdo parcial, que faz com que o valor semiótico de uma palavra apóie-se em um condicionamento social, enquanto aquele do termo se baseia em um condicionamento científico que se inscreve em uma teoria ou em um modelo e tem uma certa qualidade de verificabilidade.”(CLAS, 2004, p. 225 e 232).

Clas e Barbosa evidenciam semelhanças entre vocábulo e termo com base no processo designativo. Bréal também se dedicou ao estudo da denominação, e, tal qual os terminólogos, defendia que o processo pelo qual “os nomes são dados às coisas” não se diferenciava substancialmente quer se tratasse de termo ou de vocábulo.

Tradicionalmente, a denominação que dá origem aos termos, no interior das línguas de especialidade, diferencia-se daquela responsável pela criação de vocábulos da língua geral. Acreditava-se que o caráter artificial e erudito pelo qual os conceitos científicos são designados tornaria os termos mais precisos, exatos e justos que os vocábulos formados espontaneamente. Opondo-se a esta concepção, Bréal defende não haver diferenças marcantes entre ambas:

“As palavras criadas pelos letrados e eruditos têm maior exatidão? Não é preciso pensar muito. No século XVII, Van Helmont, a partir de uma lembrança mais ou menos presente do neerlandês gest, “espírito”, chama gaz os corpos que não são nem sólidos nem

líquidos. Isso é tão vago e tão incompleto quanto spiritus em latim [...]. Num sentimento de patriotismo, um químico francês, tendo descoberto um novo metal, o denomina gallium; um sábio alemão, não menos patriota retruca pelo germanium. Designações que nos dizem tão pouco sobre o fundo das coisas quanto os nomes de Mercúrio ou de Júpiter dados a planetas, ou os de ampère ou volt recentemente dados a quantidades em eletricidade. Todos sabem que há nomes eruditos dados por engano: eles têm, entretanto, o mesmo uso que os outros. Cristóvão Colombo chama índios os habitantes do Novo Mundo. Um departamento francês deve a uma falsa leitura o fato de se chamar Calvados.”(BRÉAL, 1992, [1924], p.125).

Conforme evidencia o trecho transcrito acima, para o autor do ensaio, o processo designativo responsável pela criação de termos é idêntico àquele responsável pela criação de vocábulos, posicionamento que pode ser aproximado do defendido pela Terminologia. O semanticista defendia que termo e vocábulo não se distinguem nem pelo processo denominativo que lhes dava origem nem por suas característica intrínsecas. Clas e Barbosa, na mesma direção, mostram que a denominação é a mesma quer se trate de vocábulo ou de termo. Se não é possível sustentar uma dicotomia radical entre termo e vocábulo, como propunha Wüster, também não se pode fazer uma divisão estanque entre Lexicologia e Terminologia. Vista a questão por este ângulo, a proposta brealina pode dar peso aos argumentos a favor de uma maior integração entre as disciplinas, não obstante o lingüista francês conceber a denominação como algo distinto e anterior à criação sígnica. A denominação é definida como o momento único no qual há conveniência entre “nome” e “coisa”. O referente evoca na consciência do falante uma noção que é transportada pelo item lexical então criado o que faz com que esse item contenha a totalidade das idéias associadas ao referente. Para o fundador da semântica, é apenas nesse momento que aquilo que o falante pensou a respeito do referente está expresso no nome. Após a criação do nome, a cada uso da palavra, outras noções passam a ser carreadas pela palavra de acordo com a intenção do interlocutor o que provoca desajustes que dão margem às mudanças semânticas descritas ao longo da segunda parte do ensaio. Dada sua qualidade sígnica, as palavras não dizem nada sobre o objeto por ela designado, mas revelam a maneira de pensar de uma sociedade, com seus erros e preconceitos, e é esta qualidade de signo das palavras que faz com que a linguagem seja depositária involuntária de informações históricas valiosas (BREAL, 1992, [1924], p. 124-125).

Outro ponto de convergência importância diz respeito ao estudo do dinamismo das relações vocábulo - termo e termo – vocábulo o qual é mencionado por Clas ao constatar “*que palavras podem tornar-se termos e vice-versa.*” (CLAS, 2004,p.232) e estudado por Barbosa enquanto processo de terminologização, que responde pela transformação de um vocábulo em termo, e processo de vulgarização ou vocabularização definido e exemplificado no trecho abaixo transcrito.

“A vulgarização é o processo de passagem de um termo técnico-científico para a língua comum, com a perda de sua especificidade e desvinculação ao universo de discurso de origem. Por exemplo, o termo feedback foi introduzido pela biologia, referindo-se aos mecanismos de retroalimentação de uma célula, como resposta desta a um estímulo químico; banalizou-se, passando a ser utilizado em outras áreas, como as ciências

humanas, com o significado de retroalimentação, em qualquer processo; enfim, vulgarizou-se, na língua comum, para expressar algo como a captação do efeito produzido, como o caso do ator que diz precisar sentir o feedback do público.”(BARBOSA, 2004b, p.323).

Os processos ora apresentados já haviam sido constatados e analisados por Bréal quem os estudava a partir de uma teorização particular de mudança semântica e de acordo com tendências gerais observadas nos processos pelos quais as palavras tem seu sentido modificado tornando-se polissêmicas. Dentre as tendências observadas pelo semanticista, cinco estão relacionadas a processos de transferência lexical: extensão, restrição, abreviação, espessamento (ou concretização) e abstração.

As mudanças de sentido que se verificam nas palavras, explica Bréal, são causadas não por alguma qualidade que as palavras teriam, mas sim pelo uso que se faz delas, isto é, conforme o que se queira dizer através delas, por um lado, e segundo o que se entende por elas, de outro. Partindo deste princípio, o lingüista propõe hipóteses explicativas para as mudanças semânticas das palavras. Uma delas consiste na generalização do âmbito de uso de uma palavra, processo equivalente ao de vocabularização descrito por Barbosa, conforme evidencia o seguinte trecho de *Ensaio de Semântica* (doravante ES):

“Os pensadores e os filósofos têm o privilégio de criar palavras novas que impressionam por sua amplitude, pelo aspecto erudito de sua contextura. Essas mesmas palavras passam em seguida ao vocabulário da crítica, e encontram desse modo seu ingresso no mundo dos artistas. Mas, uma vez recebidas no ateliê do pintor ou escultor, não tardam a se expandir no mundo da indústria e do comércio, que faz delas uso sem medida nem escrúpulo. É assim que em um tempo relativamente curto o vocabulário da metafísica vai alimentar a linguagem da publicidade”. (BRÉAL, 1992, [1904], p. 80).

Segundo Bréal, quando há ampliação do contexto de uso de uma palavra, é comum que o sentido do termo, ao tornar-se vocábulo, seja ampliado. A extensão de sentido é definida no ensaio como um deslocamento de sentido distinto daquele que ocorre em decorrência da metáfora – que muda o sentido de uma palavra ou expressão instantaneamente - por ser lento e gradual. Diferencia-se também da restrição de sentido por ser um deslocamento em direção contrária e ser causado não só por condições fundamentais da linguagem, mas também por causas históricas, decorrentes tanto dos usos das palavras ao longo do tempo quanto de acontecimentos propriamente ditos. Este fenômeno, explica, pode resultar no uso de uma palavra no lugar de seus sinônimos, foi o que aconteceu com a palavra alemã *Pferd* que suplantou *Ross*, provavelmente por extensão do contexto de uso da palavra, da língua militar, para a língua geral :

*“Seria difícil enumerar todas as causas que podem assegurar a uma certa palavra a vantagem sobre seus sinônimos. Por que os alemães, entre todos os termos da Idade Média, serviam para designar o cavalo, escolheram definitivamente *Pferd*? É o nome que, nos *Capitulares*, serve para designar um cavalo de reserva, um cavalo de reforço, *paraveredus*? Essa palavra híbrida, metade grega, metade gaulesa, suplantou *Ross*, que quase não sobrevive, a não ser em poesia. É provável que tenhamos aqui um resto da língua militar: o francês *palefroi*.”*(idem p. 88).

Ao lado da tendência à extensão de sentido das palavras, há a tendência à restrição de sentido a qual, em alguns casos, pode ser relacionada à terminologização, processo pelo qual um vocábulo passa a ser utilizado em contextos terminológicos transformando-se em termo. Dois entre os exemplos de restrições fornecidos no ES evidenciam a terminologização como causa de restrição: o da palavra *drapeau* e o da palavra *épices*. Segundo Bréal o diminutivo de *drap*, lençol, restringiu-se para designar o estandarte, isto é, o tecido com o qual a bandeira é feita. Esta restrição, explica, ocorreu em decorrência de o vocábulo ser sido utilizado num contexto de uso específico: o militar.

Também causada pelo uso de uma palavra entre pessoas de determinada profissão é a restrição de sentido ocorrida com a palavra *species* a qual, na Idade Média, para os fabricantes de medicamentos, era sinônimo das quatro espécies de ingredientes que eles comerciavam: açafraão, canela, cravo-da-índia e noz moscada. Em decorrência desta restrição, a palavra francesa *épices* refere-se às substâncias usadas para temperar as comidas. Note-se que, em português, há a palavra “especiaria” que se refere, justamente, às substâncias utilizadas pelos farmacêuticos da idade média.

Um fenômeno apontado por Bréal como muito freqüente em contextos terminológicos é o da abreviação. Dada uma locução, ela é abreviada e passa a ser expressa por um único item lexical o qual passa a carrear o sentido da locução. Uma vez que a palavra remanescente adquire o significado da expressão, Bréal a considera uma causa particular de polissemia. A atuação desta tendência nas línguas de especialidade dá a entender que a abreviação tem como uma de suas causas a terminologização:

“Em todas as situações, em todas as profissões, há uma certa idéia tão presente no espírito, tão claramente subentendida, que parece inútil enunciá-la no discurso. Só o epíteto que serve para especificar esta idéia é expresso. Daí essa quantidade de adjetivos que, no tempo, tomam lugar entre os substantivos. O geômetra fala de la perpendiculaire (perpendicular), de l’oblique (oblíquo), de la diagonale (diagonal). O professor de caligrafia de la ronde (letra redonda), de l’anglaise (cursiva), de la bâtarde (letra bastarda). Ao campo da música devemos les blanches (as mínimas), les noires (as semínimas).” (BRÉAL, 1992, [1904], p.108)

Relacionado ao processo inverso, o de vocabularização, é a tendência ao espessamento de sentido, que consiste na transformação de palavras abstratas em palavras concretas. O fato de haver, no passado, nomes abstratos que hoje são considerados concretos, adverte Bréal, poderia levar à falsa conclusão de que os antigos tinham uma capacidade maior de abstração que teria sido perdida com o tempo. No trecho em que há esta advertência, percebe-se que, para o autor do ES, o processo de vocabularização de uma palavra pode causar sua concretização:

“É preciso acreditar que nossos ancestrais tinham uma dificuldade de abstração que veio diminuindo em seus descendentes? Seria, acredito, uma grande ilusão. [...] Basta, para o momento, relatar que, sendo a língua uma obra em colaboração, toda palavra abstrata corre o perigo de mudar de sentido, quando, passando de boca em boca, vai do invento à multidão”.(idem, [1904], p.100).

A concretização de sentido não é causada apenas pela vocabularização de termos, mas também pelo processo inverso haja vista que também ocorre em contextos terminológicos. Conforme mostra Bréal por meio de exemplos, é comum os profissionais concretizarem o sentido dos termos que utilizam:

“Encontramos em todas as profissões nomes abstratos que se tornaram os nomes de algum objeto tangível. O músico entende por ouverture a parte da música de orquestra que precede uma ópera, o comerciante debita as nouveautés da estação, o financiador faz entrar suas créances, o intendente provê aos subsistances do exército, e assim por diante” (BRÉAL, 1992 [1904], p.101).

Conforme indicam as análises de Bréal, as transferências lexicais podem ser relacionadas a processos mais amplos que resultam na multiplicação dos sentidos das palavras - ampliação, restrição, espessamento, abstração e abreviação - caracterizando-os como fator promotor de mudança semântica, o que evidencia a importância de se estudar a interdependência e a influência recíproca entre vocábulo e termo quando se almeja entender a constituição lexical de um idioma em sua dinamicidade.

Referências Bibliográficas.

- BARBOSA, Maria Aparecida. O léxico e seu tratamento: diálogos transdisciplinares. 52^o. GEL [Comunicação em Simpósio]. Campinas, SP, 2004a.
- _____. “A terminologia e o ensino da metalinguagem técnico-científica”. In ISQUIERDO, A . N e KRIEGER, M.G.(orgs). *Ciências do Léxico, vol II*. Campo Grande: UFMS, 2004b,p.311-326.
- BRÉAL, Michel. *Essai de Sémantique: science des significations*.3^a.ed. França: Hachette, 1924 [cf.3^a.ed. de 1904].
- _____. *Ensaio de Semântica*. AÍDA, F. et alii (trads.) São Paulo: Pontes/Educ, 1992 [cf. 3^a.ed.de1904].
- CLAS, André. A pesquisa terminológica e a formulação de parâmetros em função das necessidades dos usuários. In *Ciências do Léxico, vol II*. Campo Grande: UFMS, 2004, p.223-238.
- GEERAERTZ,D. Hundred Years of Lexical Semantics. In VILELA, M e SILVA,F. (orgs.) *Actas do 1^o. Encontro Internacional de Lingüística Cognitiva* (Porto 29 e 30/05/98).Portugal: Faculdade de Letras do Porto, p.123-154, 1998.
- GUIMARÃES, Eduardo. “A lingüística é uma ciência histórica?”. In *Ensaio de Semântica*. AÍDA, F. et alii (trads.) São Paulo: Pontes/Educ, 1992 [cf. 3^a.ed.de1904], p.9 a 15.
- _____. *Os limites do sentido*. Campinas: Pontes, 1995.
- _____. *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- _____.*História da Semântica. Sujeito, sentido e gramática no Brasil*. Campinas: Pontes, 2004.
- NERLICH B. e CLARKE, D. *Language, action and context. The early history of pragmatics in Europe and America, 1780-1930*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996.